



FEIRA DE ARTE  
E ANTIGUIDADES  
DE LISBOA

2015



# Bons hábitos

Há quatro anos já que, por generosidade e deferência da Associação Portuguesa dos Antiquários, o MNAA-Museu Nacional de Arte Antiga ocupa um lugar central, à entrada da respetiva Feira e grande festa anual, retomando um bom hábito, longa e inexplicavelmente interrompido. Aí se apresenta institucionalmente, na exemplar missão que lhe incumbe de *primeiro museu nacional* e, nesse quadro efémero, por seu turno exhibe o que de excepcional pode atrair o visitante no horizonte cronológico mais imediato.

Desta feita em coincidência com os últimos dias da notável exposição “FMR. A Coleção Franco Maria Ricci” (única apresentação internacional do excepcional acervo reunido por quem foi e continua sendo referência incontornável para amadores e estetas). Mas também com a prossecução, por pouco mais de um mês, de outro evento irrepetível: “Azul sobre Ouro. A Sala das Porcelanas do Palácio de Santos” (com o privilégio que consubstancia poder contemplar, museograficamente instaladas, quase seis dezenas de exemplares ímpares do espólio conservado, há mais de três séculos, no escrínio dourado da mítica cúpula da que é hoje sede da Embaixada de França em Portugal); com a apresentação, como *obra convidada*, de *Baco, Venus e Adonis*, a esplêndida tela de Rosso Fiorentino que outrora rematou a Galeria de Francisco I em Fontainebleau (cedida pelo MNHA do Luxemburgo); com a possibilidade ainda de rever, no quadro da exposição *O Belo Vermelho. Desenhos a sanguínea (séculos XVI-XVIII)*, obras de Pontormo, Guercino, Morales, Calvaert, Rembrandt, Vieira Lusitano e vários outros, da coleção própria do Museu, em área por natureza reservada; enfim com o anúncio da abertura próxima (já em Maio) de mais outro projeto de exceção: *Josefa de Óbidos e a invenção do Barroco português*, a exposição há muito esperada. Cardápio de luxo, certamente, contribuindo, em si mesmo, para elevar, ao melhor nível, os padrões da própria feira, para a qual cada um reserva o seu melhor.

Bastaria, aliás, um olhar global sobre a oferta expositiva do Museu, para ilustrar a relevância do mercado de arte na própria atividade de um museu e na constituição e enriquecimento do respetivo acervo – da coleção reunida por Ricci, peça a peça, em antiquários e leilões; ao belíssimo Rosso do museu luxemburguês (generosa oferta de um particular); à possibilidade que o MNAA terá de evocar Josefa de Óbidos, decerto inviável sem o espólio acumulado por instituições públicas e particulares, nacionais e estrangeiras e por proprietários e colecionadores privados. Um espólio reunido, peça a peça, no decurso do tempo, em ampla parte em aquisições de ocasião. A presença do MNAA no grande certame anual da APA exprime, assim, o público reconhecimento do Museu ao movimento (não somente comercial, mas crítico) que o mercado de arte e o colecionismo representam, retomando um bom hábito que, na verdade, jamais deveria ter-se interrompido. E outros hábitos bons se retomaram em benefício coletivo. Há um ano atrás adestrava o Museu, no átrio principal, dispositivo

especial com vista a desvendar as novas obras de arte que, por aquisição, incorporação ou depósito, vinham enriquecer o seu acervo: e aí se apresentava o notável medalhão de bronze dourado, obra lusa à maneira de Itália, adquirido em Londres pela Direção-Geral do Património Cultural, em finais de 2013 e destinado a enriquecer a renovada Galeria de Pintura e Escultura Portuguesas, que se conta inaugurar em breve.

Hoje, o enriquecimento do acervo do Museu, que é de todos, pela generosidade conjugada do Estado e dos particulares, é já um hábito – tal que houve que adoptar novo dispositivo digital, de molde a garantir uma visibilidade simultânea. Assim mesmo, lá se encontra outra grande e recente conquista (*Narciso na Fonte*, de Vieira Portuense, adquirido pela DGPC, de novo no mercado, em 2014) e, na oficina de restauro, entrou já nova e relevante aquisição: *Virgem com o Menino e Anjos*, raro primitivo português vindo à praça nestes primeiros meses de 2015.

Bons hábitos, pois, os que unem em vez de dividir, conjugando todos no ponto geométrico e comum: o do amor à arte. Sem o qual não haveria mercado nem museus.

António Filipe Pimentel  
Diretor do Museu Nacional de Arte Antiga